

CONSIDERAÇÕES POLÍTICO-MILITARES SOBRE A FASE EDUARDIANA GUERRA DOS CEM ANOS (1337-1360)

POLITICAL-MILITARY CONSIDERATIONS ABOUT THE EDWARDIAN PHASE OF THE HUNDRED YEARS' WAR (1337-1360)

Ives Leocelso Silva Costa¹

Resumo: Marcado pela ofensiva inglesa e por sucessivas derrotas dos reis da França, a fase inicial, ou Eduardiana, da Guerra dos Cem Anos (1337-1360) opôs dois reinos que praticavam a guerra de forma distinta e que se enfrentariam em duas das maiores batalhas da Idade Média: Crécy (1346) e Poitiers (1356). Este artigo tem por objetivo analisar os elementos políticos e militares deste período, buscando revelar, através da análise de fontes e da historiografia especializada, a relação entre guerra e poder no século XIV.

Palavras-chave: Guerra dos Cem Anos. História Política. História Militar.

Abstract: Signaled by the English offensive and by successive defeats of the kings of France, the initial or Edward phase of the Hundred Years' War (1337-1360) opposed two realms that practiced warfare distinctly and that would face each other in two of the greatest battles of the Middle Ages: Crécy (1346) and Poitiers (1356). This article intends to analyze the political and military elements of this period, aiming to reveal, through the analysis of sources and specialized historiography, the relation between war and power in the 14th century.

Keywords: Hundred Years' War. Political History. Military History.

Introdução

A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) foi caracterizada por Hilário Franco Júnior² como sendo ao mesmo tempo o grande conflito nacionalista e o grande conflito feudal da Idade Média. Duas das mais poderosas monarquias do período, França e Inglaterra, envolveram-se num longo e arrastado embate que teve inúmeras consequências políticas e sociais para ambos.

Clifford J. Rogers realiza uma comparação entre os exércitos medievais (metade do século XI a início do século XIV) e aqueles do princípio da “Idade Moderna”, que viriam a conquistar impérios globais para os príncipes europeus, estabelecendo os seguintes critérios: enquanto os primeiros eram formados por guerreiros aristocratas que lutavam na forma de cavalaria pesada, usavam lança e espada, e combatiam mais para capturar e obter resgate que

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Sergipe, professor da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. E-mail: ivesleocelso@gmail.com.

² FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: O Nascimento do Ocidente*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.p. 86.

para matar; os segundos eram compostos por homens comuns do povo, que lutavam a pé, disparavam projéteis e lutavam para matar³.

A Guerra dos Cem Anos situa-se na transição entre ambos: apresenta a decadência militar da cavalaria (e seu paradoxal fortalecimento ideológico) e o crescimento das forças de infantaria e, em sua fase final, da artilharia.

No período de 1337-1360, denominada Fase Eduardiana devido ao protagonismo do rei inglês Eduardo III, França e Inglaterra representam pólos opostos deste cenário. O exército inglês era formado por grande número de arqueiros recrutados por cavaleiros e senhores locais, que formavam unidades regionais e lutavam em conjunto com os homens-de-armas (denominação dos guerreiros montados, nobres ou não). O serviço era pago e as comitivas contratadas pelo rei e pagas pelo erário, que possuía uma burocracia bem desenvolvida. O francês era, em essência, uma hoste de cavalaria aristocrática, reunida por meio de uma convocação geral, além de mercenários contratados, especialmente besteiros genoveses. Ainda que houvesse pagamento, esperava-se que a convocação fosse obedecida por lealdade e cumprimento do dever vassálico⁴.

Este artigo pretende examinar as contradições trazidas pelos desenvolvimentos militares do século XIV e a maneira como influenciaram o decorrer da Guerra em sua fase inicial. Ao se analisar como o prestígio simbólico da cavalaria contrastava com sua eficácia cada vez menor no campo de batalha, será constatada a maneira pela qual a prática da guerra na Baixa Idade Média era reflexo de questões políticas, que diferenciavam as duas monarquias em questão.

A Campanha de Crécy (1346)

Após a morte de Filipe IV da França, três de seus filhos o sucederam sem deixar herdeiros masculinos. A aristocracia reunida decidiu, então, transmitir a coroa à Filipe, conde de Valois, seu sobrinho, que foi coroado Filipe VI em 1328. Entre os pretendentes rejeitados estava Eduardo III, o jovem rei da Inglaterra, neto de Filipe IV através de sua mãe.

³ ROGERS, Clifford J. The Military Revolutions of the Hundred Years' War. *The Journal of Military History*, Lexington, v. 57, p. 1-33, 1993. Disponível em: < <http://deremilitari.org/2014/06/the-military-revolutions-of-the-hundred-years-war/>>. p. 2.

⁴ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. I: Trial by Battle*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990. passim. Id. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. passim.

Complicando a questão, Eduardo era também duque de Aquitânia e, portanto, vassalo do rei francês.

As tensões resultantes desta relação eram muitas, e diversas vezes os monarcas franceses procuraram confiscar o ducado dos reis da Inglaterra, acusando-os de descumprir suas obrigações vassálicas. Quando Filipe tentou VI fazê-lo em 1337, Eduardo, em uma manobra jurídica, recusou sua legitimidade para tal, afirmando ser o verdadeiro rei da França. Nigel Saul ressalta o elemento cavaleiresco no desafio do rei inglês:

Para atrair atenção para seu novo título, ele dividiu seu escudo em quartos colocando a flor-de-lis do rei da França com os leões da Inglaterra. A Guerra dos Cem Anos foi, portanto, em um sentido técnico, uma disputa cavaleiresca, uma contenda entre dois cavaleiros pelo direito de portar um brasão em particular.⁵

De modo geral, a guerra medieval se caracterizava por evitar grandes batalhas, sendo as cavalgadas e os cercos suas características principais. Estes embates indiretos visavam espoliar a base econômica do inimigo, assolando seus homens e bens, assim como desmoralizá-lo e provocar seu enfraquecimento político⁶. Apesar disso, Philippe Contamine, medievalista francês pioneiro na pesquisa sobre a guerra no medievo naquele país, afirma que “[...] a batalha campal era concebida como o ponto culminante de uma guerra, o grande evento que dava sentido a uma campanha, o episódio principal que, apesar de limitado em área e concentrado no tempo, era o objeto de todos os medos, expectativas e esperanças”⁷.

A tática adotada por Eduardo III na França foi a *chevauchée*, grandes cavalgadas de propósito de pilhagem e destruição. Seus homens-de-armas e arqueiros montados espalhavam-se em vastas colunas atacando todas as fazendas, vilas e cidades que não oferecessem séria resistência. Durante a campanha de Crécy, o cronista Jean Froissart estabelece um cenário de saques abundantes, destacando a inatividade das forças francesas:

Eles faziam o que queriam, pois ninguém lhes resistia. Em tempo eles chegaram a uma grande e rica cidade e porto chamada Cherbourg. Eles a saquearam e queimaram parte dela, mas descobriram a cidade defendida demais para ser tomada, então seguiram adiante para Montbourg e Valogne. Esta última eles saquearam completamente e puseram-lhe fogo. Eles fizeram

⁵ SAUL, Nigel. *Chivalry in Medieval England*. Cambridge: Harvard University Press, 2011. p. 94-95.

⁶ GARCÍA FITZ, Francisco. *Ejércitos y Actividades Guerreras en la Edad Media Europea*. Madri: Arco Libros, 1998. passim.

⁷ CONTAMINE, Philippe. *War in the Middle Ages*. New York: Barnes & Noble, 1998. p. 228-229.

o mesmo a um número de outras cidades na região, levando tanto saque valioso que teria sido impossível contá-lo.⁸

Eduardo, contudo, precisava atrair o monarca francês para a batalha, uma vez que suas campanhas de 1338 e 1340 haviam causado pesados gastos e obtido poucos resultados concretos. Uma vitória era necessária para manter viva sua reivindicação ao trono da França⁹.

Mas se a situação era politicamente delicada para o rei inglês, para Filipe VI era ainda pior. Após evitar batalha por duas vezes, a reputação do rei da França estava danificada. Andrew Ayton afirma que um exército medieval é uma entidade política¹⁰: nobres de todo o reino se reúnem; príncipes, duques e cavaleiros confraternizam, discutem e observam. O rei estava sob o escrutínio de seus senhores. De acordo com Jonatham Sumption: “Em 1346 sua reputação não podia suportar um impasse mais do que uma derrota”¹¹. Uma batalha precisava ser travada.

Após uma perseguição pelas travessias do Sena, os exércitos finalmente se encontraram próximos à vila e à floresta de Crécy, no condado de Ponthieu. Os ingleses somavam cerca de 10.000 homens, enquanto o número de franceses girava entre 20.000 e 25.000. As forças sob o comando de Eduardo III eram formadas por arqueiros (cerca de metade), cavaleiros desmontados e lanceiros galeses. Filipe VI tinha à sua disposição um contingente de cerca de 6.000 besteiros genoveses, 12.000 cavaleiros e alguns milhares de tropas de infantaria, provavelmente mal-treinada e mal-equipada¹². O que se seguiu foi um grande massacre.

O primeiro ataque foi realizado pelos besteiros genoveses. Suas armas de carregamento lento, contudo, não eram páreo para os disparos céleres dos arqueiros ingleses, que os dispersaram. Vendo sua fuga, o rei francês, furioso, ordenou o avanço de seus cavaleiros sobre eles, direto para os disparos dos arcos de guerra¹³. Segundo narra Froissart, “os ingleses continuaram a disparar na parte mais densa da multidão, sem desperdiçar

⁸ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 71.

⁹ SAUL, Nigel. *Chivalry in Medieval England*. Cambridge: Harvard University Press, 2011. p. 95.

¹⁰ AYTON, Andrew. The Battle of Crécy: Context and Significance. In: _____; PRESTON, Philip. *The Battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 21-22.

¹¹ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. I: Trial by Battle*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990. p. 526.

¹² Idem.

¹³ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 88-89.

nenhuma de suas flechas. Eles impalaram ou feriram cavalos e cavaleiros que caíam ao chão em grande desespero, incapazes de se levantar de novo sem a ajuda de vários homens”¹⁴.

Dada a natureza da carga de cavalaria, uma massa sólida de homens e montarias, a chuva de flechas era letal, uma vez que os animais feridos rompiam a formação e causavam caos. Guilherme Saccomori afirma que:

A honra de um cavaleiro seria oriunda de seus atos, principalmente em duelos e combates. A honra, seu orgulho como guerreiro, era o que guiava a identidade de um cavaleiro, lhe dava sentido. Engrandecê-la tornaria o cavaleiro alguém maior, famoso, e objeto de cantigas e poemas que seriam compostos a partir de seus feitos. Os combates justos o tornariam alguém superior quando confrontado em condições iguais. A honra estaria atrelada a um cavaleiro durante toda sua vida, e manchá-la poderia comprometer seu legado, inclusive seus filhos.¹⁵

Lutando por sua honra, um contingente francês conseguiu chegar até o Príncipe de Gales, Eduardo de Woodstock, que, aos 16 anos, estava em sua primeira batalha. Diante do ataque, o cavaleiro sir Thomas de Norwich foi enviado ao rei, que comandava a reserva, pedindo reforços, ao que Eduardo teria respondido:

- Está meu filho morto ou atordoado, ou tão seriamente ferido que não pode continuar lutando? – Não, graças a Deus – retrucou o cavaleiro – mas ele está sendo pressionado muito duramente e precisa muito de vossa ajuda. – Sir Thomas – respondeu o rei – volte para ele e para aqueles que o enviaram e diga-lhes para não me requisitarem hoje, enquanto meu filho estiver vivo. Dê-lhes meu comando para deixar o garoto ganhar suas esporas, pois se for a vontade de Deus, eu desejo que o dia seja dele e que a honra vá para ele e para aqueles em cuja custódia eu o deixei.¹⁶

Esta cena, de forte teor simbólico, ressalta a proeza militar como valor aristocrático e a necessidade dos grandes senhores de se provarem em batalha. O Príncipe de Gales triunfou e com ele o exército inglês. As perdas francesas foram catastróficas, estimadas em milhares, mais lamentadas ainda pelo grande número de aristocratas entre eles. Segundo Jean Le Bel: “Foi dito por muito tempo que ninguém havia ouvido falar de tantos príncipes mortos em um único dia, nem em Courtrai, nem em Benevento, nem em nenhum outro lugar”¹⁷.

A vitória em Crécy permitiu aos ingleses a tomada de Calais, grande cidade do norte da França que viria a permanecer em suas mãos até a metade do século XVI, muito após o

¹⁴ Idem, 1968. p. 89.

¹⁵ SACCOMORI, Guilherme Floriani. *Guerreiros e Batalhas na Mira de Jean Froissart (1337-1405): Cenário em Transformação*. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. p. 67-68.

¹⁶FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 92.

¹⁷apud AYTON, Andrew. The Battle of Crécy: Context and Significance. In: _____; PRESTON, Philip. *The Battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007.p. 20.

término da Guerra dos Cem Anos. Enquanto a elite da cavalaria francesa jazia no campo de batalha, Filipe VI escapava. A perda de reputação causada pela fuga do rei se tornaria uma marca sobre os Valois e seria um fator importante na política militar adotada pela realeza na década seguinte.

A Ordem da Estrela e a Reforma Cavaleiresca de João II

Segundo a medievalista francesa Françoise Autrand:

O desastroso efeito psicológico produzido pela fuga do rei não foi esquecido durante os anos após Crécy; de fato, não é impossível que tenha tido alguma influência sobre a fundação da ‘Ordem da Estrela’. Em 1351, o rei João tinha acabado de suceder ao trono e querendo trazer as fileiras da comunidade cavaleiresca francesa, instiu a Ordem dos ‘*chevaliers de Notre-Dame de la Noble Maison*’ [...].¹⁸

A Ordem da Estrela pretendia rivalizar a Ordem da Jarreteira, de Eduardo da Inglaterra, que reunia em suas fileiras veteranos da Campanha de Crécy e viria a se tornar a mais prestigiosa ordem cavaleiresca do período. Sobre a Ordem da Jarreteira, Saul afirma que:

De modo geral, o *ethos* da companhia era fortemente militar. Grande ênfase era colocada nos estatutos no esforço cavaleiresco e na lealdade ao rei como superior da ordem. Os cavaleiros eram escolhidos por eleição baseada em seu valor pessoal, seu renome marcial e a natureza imaculada de suas reputações.¹⁹

As ordens reais de cavalaria foram um fenômeno característico dos séculos XIV e XV. A seu respeito, Jean Flori observa:

Protegidas por reis ou grandes príncipes rivais ou inimigos, elas elaboram estatutos que, sob a aparência de glorificar e “restaurar” a cavalaria, constituem ligas honoríficas destinadas a reforçar o prestígio de seu fundador, a forjar redes de alianças políticas e diplomáticas. A ideologia cortês e cavaleiresca se vê assim confiscada, desviada em proveito da ideologia real.²⁰

O que diferencia a Ordem da Estrela das demais ordens monárquico-cavaleirescas do século XIV é um de seus estatutos que determina que aquele que fugir do campo de batalha

¹⁸ AUTRAND, Françoise. The Battle of Crécy: A Hard Blow for the Monarchy of France. In: AYTON, Andrew; PRESTON, Philip. *The Battle of Crécy, 1346*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. p. 276-277.

¹⁹ SAUL, Nigel. *Chivalry in Medieval England*. Cambridge: Harvard University Press, 2011. p. 103.

²⁰ FLORI, Jean. *A Cavalaria*. São Paulo: Madras, 2005. p. 185.

seria suspenso, no qual é notável o peso que a fuga de Filipe VI exercia sobre a cavalaria francesa²¹. Em uma carta de autoria de João II, datada de 1352 e transcrita pelo especialista em heráldica D'Arcy Boulton, percebe-se a forma como a cavalaria era percebida no período pós-Crécy e a motivação que levou à fundação da referida companhia:

João pela Graça de Deus Rei da França... Entre outras preocupações de nossa mente, nós temos muitas vezes nos perguntado com toda a energia da reflexão por quais meios a cavalaria de nosso reino tem, desde tempos antigos, enviado para todo o mundo tamanha irrupção de probidade e tem sido coroada com uma auréola tão vívida de valentia e honra; de tal modo que nossos ancestrais, os Reis da França, graças a intervenção poderosa do céu e à fiel devoção desta cavalaria, que lhes concedeu o sincero e unânime suporte de suas armas, tem sempre triunfado sobre todos os rebeldes a quem desejaram reduzir [...]; e finalmente que eles tenham estabelecido no reino uma paz e segurança tão profundos que, após muitos longos séculos, alguns dos membros desta ordem, desacostumados às armas e privados de exercícios, ou por outra causa por nós desconhecida, tem se atirado imoderadamente na ociosidade e na vaidade da época, ao desprezo da honra e, lamentavelmente, de seu próprio bom renome, para diminuir sua alegria de coração em troca do conforto de suas pessoas. Por esta razão, nós, conscientes de tempos passados, da honrada e constante proeza dos vassalos mencionados, que trouxeram tantos trabalhos vitoriosos, virtuosos e afortunados, resolvemos com sinceridade convocar estes mesmos vassalos, presentes e futuros, para uma união perfeita, com a finalidade de que nesta união íntima eles irão respirar nada além de honra e glória, renunciando às frivolidades da inação, e irão, através do respeito pelo prestígio da nobreza e da cavalaria, restorar à nossa época o brilho de seu renome antigo e de sua companhia ilustre, e que depois que eles tiverem trazido o reflorescimento da honra da cavalaria através da proteção do bem divino, uma paz tranquila renascerá para o nosso reino e os nossos súditos, e os louvores a sua virtude serão publicados em toda a parte. Desta forma, na expectativa destes benefícios e de muitos outros, nós... fundamos [a Companhia da Estrela e seu colégio de clérigos]. E nós temos firme confiança de que com a intercessão da dita mais gloriosa Virgem Maria por nós e por nossos fiéis súditos, o Senhor Jesus Cristo irá misericordiosamente derramar sua graça sobre os cavaleiros da mencionada companhia ou associação, com o resultado de que estes mesmos cavaleiros, ansiosos por honra e glória no exercício das armas, se portarão com tal harmonia e valentia, que a flor da fidalguia, que por um tempo e pelas razões mencionadas tinha murchado nas sombras, irá desabrochar em nosso reino, e brilhar resplandecente em uma perfeita harmonia para a honra e glória do reino e de nossos súditos fiéis.²²

O retorno à era de ouro da cavalaria é um tema recorrente entre seus comentadores na Baixa Idade Média, com alusões frequentes aos Cavaleiros da Távola Redonda e aos

²¹AUTRAND, op. cit. p. 277.

²²BOULTON, D'Arcy J. D. *Knights of the Crown: The Monarchical Orders of Knighthood in Later Medieval Europe, 1325-1520*. Woodbridge, The Boydell Press, 1987. p. 196.

paladinos de Carlos Magno. Esta retórica de apelo a um passado mitificado era tão forte na França que os mesmos argumentos se repetem após a derrota em Agincourt (1415) duas gerações após os eventos aqui expostos²³.

A fala de João II deixa claro que as agruras sofridas pelo reino eram causadas pela perda do valor de seus cavaleiros. Os termos honra e glória são continuamente repetidos como valores a serem buscados acima de considerações superficiais com conforto e segurança pessoal. Sob este ângulo, a derrota em Crécy e a perda de Calais não foram causadas por questões táticas ou puramente militares, mas por falta de coragem e resolução.

Não se deve compreender, contudo, o projeto reformador de João II e sua Ordem da Estrela como uma tentativa desinteressada de reacender a glória militar da nobreza da França. O rei pretendia ligar os cavaleiros a ele por vínculos de lealdade e fidelidade, fortalecendo assim sua posição num momento em que a jovem dinastia Valois era ameaçada externa e internamente. Dissensão e faccionalismo predominaram na política francesa na Guerra dos Cem Anos²⁴.

O braço direito de João II na sua tentativa de “revitalização” da cavalaria foi Geoffroi de Charny, autor do *Livro da Cavalaria*, escrito provavelmente entre 1350 e 1351. Nascido em uma família dos baixos escalões da aristocracia, Charny era um cavaleiro de grande reputação, considerado por Froissart o mais sábio e corajoso entre os franceses²⁵. Não tendo estado em Crécy, não foi associado à sua infâmia e por sua habilidade militar, foi nomeado Capitão das Guerras da Picardia e das Fronteiras da Normandia e ingressou no Conselho Real²⁶.

Charny compartilhava da visão de seu rei e parecia chocado por aqueles que “[...] aparentavam preferir a vida suave e a vida fácil, cegos para a grandiosa visão de uma existência investida em feitos vigorosos, [...] uma vida de honra abençoada pelo favor divino”²⁷. Sem dúvida com a aprovação de João II, Charny justifica as razões para se servir a um grande senhor:

²³ BARKER, Juliet. *Agincourt*. Rio de Janeiro: Record, 2009. passim.

²⁴ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. passim.

²⁵ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 129.

²⁶ KAEUPER, Richard. Historical Introduction to the Text. In: CHARNY, Geoffroi de. *A Knight's Own Book of Chivalry*. Trad. Elspeth Kennedy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. passim.

²⁷ KAEUPER, Richard W. *Chivalry and Violence in Medieval Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 285.

[...] cem homens habilidosos em feitos de armas fazem um nome pra si mesmos muito mais rápido através de um grande e valoroso senhor do que fariam dez servindo a dois homens pobres de grande valor, pois o grande senhor os tem em sua companhia e os ama, honra, valoriza e recompensa, e eles o respeitam, amam, honram e estimam pelo grande valor que vêem nele [...]. Nem são os homens pobres e valentes tão respeitados e obedecidos no momento da ação quanto os grandes senhores [...].²⁸

Contudo, por mais que se falasse em recuperar o espírito perdido da verdadeira cavalaria, pouco foi feito para lidar com os problemas concretos que assolavam as forças francesas e que seriam expostas mais uma vez na Batalha de Poitiers, em 1356.

A Prática da Guerra na França e na Inglaterra no Século XIV (1302-1356)

O papel proeminente da cavalaria, muito antes de sua consagração no imaginário medieval, tem uma origem militar:

O cavaleiro medieval, sustentado como era pelo trabalho de outrem, possuía bastante tempo para treinar para o combate. Sua dieta melhor o tornava maior e mais forte que a maioria dos plebeus que formavam a infantaria. [...] A cota de malha, reforçada por uma couraça de couro ou um *gambeson* acolchoado, o tornava quase invulnerável no campo de batalha. A mobilidade permitida por seus cavalos, em adição a seu óbvio valor estratégico, o tornava capaz de perseguir um inimigo derrotado com eficiência, de fugir rapidamente em caso de derrota própria e de evitar batalhas indesejadas com forças lentas de infantaria.²⁹

A França era tão populosa e possuía uma riqueza agrícola tão vasta, que conseguia reunir com frequência verdadeiras hostes de guerreiros montados. Outros reinos e regiões periféricos, tais como a Escócia, Flandres e a própria Inglaterra, tinham dificuldades em recrutar cavaleiros, razão pela qual passaram a utilizar cada vez mais soldados de infantaria, muito mais baratos de equipar e manter³⁰.

Há que se destacar, porém, a transformação pela qual a Inglaterra passou no início do século XIV. Assim como os franceses, os ingleses contavam com a cavalaria pesada para garantir a vitória. Isto mudou após a Batalha de Banockburn, em 1314, na qual guerreiros

²⁸CHARNY, Geoffroi de. *A Knight's Own Book of Chivalry*. Trad. Elspeth Kennedy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. p. 59.

²⁹ ROGERS, Clifford J. The Military Revolutions of the Hundred Years' War. *The Journal of Military History*, Lexington, v. 57, p. 1-33, 1993. Disponível em: < <http://deremilitari.org/2014/06/the-military-revolutions-of-the-hundred-years-war/>>. p. 3.

³⁰ ROGERS, Clifford J. The Age of The Hundred Years War. In: KEEN, Maurice (ed.). *Medieval Warfare: A History*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 136-160. p. 144.

escoceses a pé, lutando em *schiltrons* – formações circulares armadas com piques – venceram os cavaleiros ingleses. Além de usarem armas longas, os escoceses prepararam o terreno, cavando buracos e fincando estacas para desequilibrar os cavalos. Os ingleses aprenderam a lição e, além de adotarem diversas táticas dos escoceses, acrescentaram um elemento próprio: os arqueiros.

O arco longo ou arco de guerra era praticado em diversas regiões da Inglaterra e do País de Gales por aldeãos e agricultores. Para utilizá-lo eram necessários anos de prática e força física prodigiosa, mas seu poder de penetração era incrível, além de possuir um ritmo de disparo incomparavelmente superior ao das bestas³¹. Uma salva contínua de flechas podia ferir, atordoar e incapacitar homens e cavalos. A utilização dos arqueiros permitiu que os ingleses obtivessem a revanche sobre os escoceses em Duplin Moor (1332) e Halidon Hill (1333). Por outro lado, as forças que invadiram a França utilizaram arqueiros montados, uma inovação para a época, o que facilitava seu deslocamento e sua participação no saque das vilas e campos. Seus cavalos, que não eram utilizados em batalha, eram muito mais baratos que os corcéis de guerra dos cavaleiros, e mais fáceis de obter³².

A França, por sua vez, também teve sua forma tradicional de combate sobrepajada em certas ocasiões, como na Batalha de Courtrai (1302), onde milicianos flamengos utilizaram armas de haste e um terreno favorável para vencer sua cavalaria. Isto não levou, contudo, a uma perceptível adaptação, ou mudança de táticas. As razões para tal não podem ser exauridas dentro dos limites deste trabalho, mas algumas reflexões podem ser iniciadas.

A França do século XIV era considerada o maior poderio militar da Cristandade. A história da cavalaria perpassa a sua própria e os nobres franceses percebiam-se como herdeiros de uma longa tradição que remontava ao Império Carolíngio, o que pode ajudar a explicar o seu conservadorismo. Na Inglaterra, por outro lado, por muitos séculos prevaleceu o combate de infantaria. Tanto anglo-saxões, quanto dinamarqueses, galeses e escoceses lutavam a pé, geralmente em uma parede de escudos. Somente com a conquista normanda é que lutar a cavalo tornou-se comum.

Entretanto, a cultura cavaleiresca floresceu na Inglaterra. Um dos maiores heróis da Cristandade, Ricardo Coração-de-Leão, havia sido seu rei e Eduardo III era um entusiasta dos

³¹ Id. The Military Revolutions of the Hundred Years' War. *The Journal of Military History*, Lexington, v. 57, p. 1-33, 1993. Disponível em: < <http://deremilitari.org/2014/06/the-military-revolutions-of-the-hundred-years-war/>>. p. 5.

³² SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. passim.

torneios e dos romances arturianos, chegando a competir nas justas disfarçado como um dos Cavaleiros da Távola Redonda³³. Porém, no século XIV, parecia haver um limite estabelecido entre o lúdico e o real. Na prática da guerra, a aristocracia inglesa não hesitava em tirar proveito de todas as vantagens possíveis, fosse combatendo a pé, fosse mantendo sua posição enquanto os arqueiros atacavam.

A elite francesa, por outro lado, parecia incorporar de forma muito mais literal o exercício da cavalaria. Preferiam lutar sobre os cavalos e demonstravam desprezo pelos soldados a pé, conforme demonstrado pela investida contra seus aliados genoveses em Crécy. O desejo por honra e glória fizeram com que diversas vezes os cavaleiros franceses atacassem impetuosamente ou abandonassem a liderança das tropas em busca de uma posição mais privilegiada no campo³⁴. Ao contrário do que seus críticos afirmavam, a bravura e o espírito cavaleiresco não parecem ter sido o que lhes faltava, sendo na verdade um fator em sua ruína.

Por outro lado, há que se considerar o elemento político. A dinastia dos Plantagenetas estava solidamente estabelecida no poder, enquanto os Valois eram recém-chegados ao trono, mais vulneráveis a contestações. Abraçar o discurso cavaleiresco era uma forma da realeza buscar legitimidade, uma vez que, segundo Geoffroi de Charny, “estes personagens e estes senhores não foram elevados para terem grandes períodos de descanso, nem grandes prazeres ou grandes deleites, mas para suportar mais e esforçar-se com mais empenho do que quaisquer outros”³⁵.

Caberia, portanto, aos monarcas franceses realizar feitos de proeza e alcançar a vitória, obtendo assim honra e reputação, demonstrando o favor divino à sua causa e legitimando sua posição. Além disso, havia a presença de poderosos príncipes territoriais dentro de seu próprio reino, o que exigia dos reis da França um grau maior de negociação para o exercício de seu poder. Para conquistar o apoio da aristocracia, representar o papel tradicional de cavaleiro era uma necessidade.

Há também um elemento social na relutância francesa em se adaptar às novas táticas uma vez que há, no caso inglês, uma correlação entre a utilização cada vez maior de camponeses e cidadãos no exército e o crescimento do poder da Câmara dos Comuns no

³³ SAUL, Nigel. *Chivalry in Medieval England*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.p. 105.

³⁴ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. I: Trial by Battle*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990. passim. Id. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.passim. BARKER, Juliet. *Agincourt*. Rio de Janeiro: Record, 2009.passim.

³⁵ CHARNY, Geoffroi de. *A Knight's Own Book of Chivalry*. Trad. Elspeth Kennedy. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. p. 76.

Parlamento. A participação dos homens comuns na guerra se convertia num aumento de suas demandas, bem como numa regulamentação cada vez mais incisiva sobre os impostos e taxações. Por outro lado, os arqueiros tiveram uma grande participação na Revolta Camponesa de 1381 e Froissart afirma que seu principal líder, Wat Tyler, havia servido nas guerras na França³⁶. Talvez para evitar um possível fortalecimento das classes inferiores, a nobreza francesa tenha desistido de tentar recrutar arqueiros em suas terras – Carlos VI teria afirmado que “se eles tivessem sido reunidos, teriam sido mais poderosos do que príncipes e nobres”³⁷.

As razões para a divergência na forma de realizar a guerra entre os reinos da França e da Inglaterra na metade do século XIV são complexas e merecem estudo aprofundado. O que se observa é que no início da década de 1350 acreditava-se que se os cavaleiros franceses redobrassem seus esforços e se inspirassem na tradição cavaleiresca de seus antepassados, a vitória seria alcançada.

O Fim da Ordem da Estrela e a Batalha de Poitiers (1356)

Em 1352, após um enfrentamento próximo à cidade de Mauron, na Bretanha, “os cadáveres de oitenta e nove cavaleiros da Ordem da Estrela de João II foram encontrados entre os mortos, cercados pelos de seus escudeiros e seguidores”³⁸. Seguindo os preceitos da ordem, eles não haviam se retirado do campo de batalha, mesmo enquanto outras divisões francesas o faziam.

Este evento, que poderia ser relegado a uma pequena escaramuça não fosse o número de mortos envolvidos, pairava como um agouro sobre a reforma cavaleiresca do rei da França. Segundo John Wagner: “Em outubro de 1352 o rei reconheceu esta falha emitindo um decreto que transformava a ordem de uma instituição político-cavaleiresca em uma confraternidade para culto comum”³⁹.

Em 1355, o agora veterano Príncipe de Gales conduziu uma grande *chevauchée* de Bordeaux ao Mediterrâneo e de volta, capturando diversas cidades e castelos e arrasando a

³⁶ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 218.

³⁷ apud ROGERS, Clifford J. The Military Revolutions of the Hundred Years' War. *The Journal of Military History*, Lexington, v. 57, p. 1-33, 1993. Disponível em: < <http://deremilitari.org/2014/06/the-military-revolutions-of-the-hundred-years-war/>>. p. 6.

³⁸ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. p. 95.

³⁹ WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Hundred Years War*. Westport: Greenwood Press, 2006. p. 289.

economia do sul da França. Para complicar a situação, o reino estava à beira da guerra civil, com uma escalada de conflitos entre os Valois e os partidários de Carlos de Navarra, cunhado de João II e pretendente à coroa⁴⁰.

João II não podia ignorar o exército inglês, assim como seu pai não pôde fazê-lo dez anos antes. Em 1356, conduziu uma força de cerca de 8.000 homens-de-armas e 3.000 tropas de infantaria para as proximidades de Poitiers, onde Eduardo de Woodstock o esperava com cerca de 6.000 homens, sendo 2.000 arqueiros, 1.000 infantas gascões e 3.000 homens-de-armas. Mais uma vez a quantidade de combatentes montados franceses era superior ao todo do contingente inglês, desta vez, entretanto, decidiram que a maioria deles lutaria a pé – algo que não estavam acostumados a fazer – pois os ingleses estavam no topo de uma colina protegidos por uma cerca-viva, o que impediria uma carga de cavalaria⁴¹.

Ainda assim, uma força de elite de 500 guerreiros a cavalo sob o comando dos marechais Audrehem e Clermont foi designada para atacar os arqueiros nas alas do exército inglês. Entretanto, de acordo com Froissart:

Mal haviam entrado em ação quando os arqueiros começaram a disparar sanguinariamente de ambos os flancos, derrubando cavalos e e perfurando tudo diante deles com suas longas flechas farpadas. Os cavalos feridos e aterrorizados se recusaram a ir em frente. Eles desviaram ou voltaram, ou então caíram sob seus cavaleiros, que não podia nem usar suas armas nem levantar novamente, de forma que o batalhão dos Marechais jamais chegou perto da divisão do príncipe.⁴²

O contingente desmontado francês estava ordenado em três divisões, liderados respectivamente pelo Delfim, o príncipe herdeiro da França, o duque de Orléans e o próprio rei. Após o ataque da cavalaria, as forças do Delfim se engajaram no combate, mas não conseguiram romper a linha inglesa e recuaram. Possivelmente por ordem do rei, o Delfim foi removido da batalha por seus companheiros. Contudo, “o duque de Orléans, vendo o Delfim se retirando, o seguiu para fora do campo, levando com ele os jovens condes de Anjou e Poitiers e toda a segunda linha”⁴³.

Esta decisão inexplicável realça os problemas de comando do exército francês. Não se sabe se o duque achou que uma retirada geral estava sendo feita ou se abandonou o campo por

⁴⁰ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 120.

⁴¹ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. p. 235-236.

⁴² FROISSART, op. cit., p. 134-135.

⁴³ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. p. 241-242.

outra razão, mas o fato é que a divisão do rei ficou sozinha. João II, determinado a não cair em desgraça como seu pai havia feito, e seguindo os preceitos que impusera à Ordem da Estrela, liderou sua divisão para o combate:

Nem deveria ser dito que o Rei da França alguma vez mostrou desalento diante de qualquer coisa que viu ou ouviu reportarem. Ele permaneceu no campo do começo ao fim, como o cavaleiro corajoso e lutador resoluto que era. Ele havia demonstrado sua determinação de nunca bater em retirada quando comendou seus homens a lutarem a pé e, tendo-os feito desmontar, fez o mesmo e se posicionou na frente deles com um machado de batalha em suas mãos, ordenando seus estardantes avante em nome de Deus e Saint-Denis, com sir Geoffroi de Charny carregando o principal^{44, 45}.

Enquanto a linha de frente de ambos os exércitos estava engajada num intenso corpo-a-corpo, destacamentos montados de gascões e ingleses deram a volta pela retaguarda e atacaram os franceses por trás. Ironicamente esta foi, segundo Jonathan Sumption, “[...] uma das raras ocasiões em que a cavalaria decidiu uma grande batalha”⁴⁶. Cercados, os franceses tiveram de escolher entre render-se ou lutar até o fim:

Os ingleses e gascões vieram em tais números por todos os lados que estraçalharam a divisão do rei. Os franceses foram tão sobrecarregados por seus inimigos que em alguns lugares haviam cinco homens-de-armas atacando um único cavaleiro. Sir Geoffroi de Charny foi morto, o estandarte da França em suas mãos.⁴⁷

Carmem Druciak afirma que “o desastre na batalha de Poitiers, em 1356, ficou registrado nas crônicas e nos tratados religiosos como uma falha da nobreza que compunha as linhas das hostes de Jean II, Le Bon”⁴⁸. Abandonado pelo duque de Orléans, o rei da França, juntamente com seu filho mais novo, Filipe, foram capturados. Ele havia honrado os princípios da cavalaria e sustentado a causa dos Valois, mas agora a França mergulhava no caos.

Conclusão

⁴⁴ A *Oriflamme*, o estandarte sagrado dos reis da França.

⁴⁵ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 138.

⁴⁶ SUMPTION, op. cit., p. 242.

⁴⁷ FROISSART, Jean. *Chronicles*. Trad. Geoffrey Brereton. Baltimore: Penguin Classics, 1968. p. 140.

⁴⁸ DRUCIAK, Carmem Lúcia. *A Escrita da História na França de 1380 a 1404: As Representações Discursivas sobre o Cavaleiro Bertrand du Guesclin (†1380)*. 2018. 285 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. p. 259.

A Fase Eduardiana da Guerra dos Cem Anos foi marcada pela contínua ofensiva inglesa e sucessivos reveses da monarquia Valois. Os embates evidenciaram não só duas formas diferentes de praticar a guerra, mas também as peculiaridades políticas das duas Coroas: foi a necessidade de validar seu poder diante de uma nobreza aguerrida que motivou os reis franceses a se arriscarem no campo de batalha, resultando em fracasso.

João II morreria no cativo. O Delfim, atuando como regente, foi forçado a assinar Tratado de Brétigny (1360), que concedia grande parte do território oeste da França aos ingleses. Saqueadores e bandidos assombravam as vilas, camponeses se insurgiam e Carlos de Navarra almejava coroa. Carlos V, coroado em 1364, após a morte de seu pai, receberia um reino em frangalhos⁴⁹.

Na Inglaterra, Eduardo III se tornaria a imagem ideal do Rei-Cavaleiro, diante da qual seus sucessores seriam mensurados. Sua reputação só era superada pela de seu filho que, no entanto, não chegaria a ser rei. Seu neto, Ricardo II, após um reinado conturbado, foi deposto. De acordo com Saul: “O usurpador de Ricardo, Henrique IV, que havia sido cruzado, mais do que estava à altura das expectativas dos seus súditos. Ele era tudo que Ricardo, avesso à guerra, não era. Ele representava os mais elevados ideais cavaleirescos da época”⁵⁰. A conexão entre política e cavalaria mais uma vez se manifestava.

Enquanto os valores cavaleirescos seriam defendidos com grande veemência até o século XVI, principalmente através dos torneios⁵¹, a cavalaria se retiraria cada vez mais dos campos de batalha. À medida que a Guerra dos Cem Anos progredia, homens-de-armas sem aspiração de se tornarem cavaleiros tornavam-se cada vez mais comuns. Eram soldados profissionais que guerreavam por soldo, pouco se importando com o código de conduta aristocrático. Os duques e condes saíam das linhas de frente e assumiam posições de comando.

A França terminaria por vencer a guerra. Para tanto, seria necessária uma profunda reforma militar, no século XV, com a criação de um exército permanente, além da liderança inspiradora de Joana D’Arc, que resgataria seu ânimo combalido. Mas houve um outro fator fundamental: o desenvolvimento de uma poderosa artilharia, cuja utilização lhes daria o triunfo final sobre os ingleses, em Castillon (1453).

⁴⁹ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years War v. II: Trial by Fire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. p. 511-512.

⁵⁰ SAUL, Nigel. *Chivalry in Medieval England*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.p. 114.

⁵¹ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do Ano Mil à Conquista da América*. São Paulo: Globo, 2006.p. 255.

O desenvolvimento das armas-de-fogo marcaria o fim de uma era. Nas palavras de Clifford J. Rogers: “E assim a ‘Idade Média’ chegava ao seu fim, com espessas nuvens de fumaça de pólvora como sua cortina final”⁵².

⁵²ROGERS, Clifford J. The Age of The Hundred Years War. In: KEEN, Maurice (ed.). *Medieval Warfare: A History*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 136-160.p. 160.